

Preço do trabalhador do futuro chega a R\$ 265 mil

Mudanças do mercado de trabalho da era da globalização aumentam as exigências com a formação profissional

Germana Costa Moura

Depois que a máquina ocupou o lugar do homem até na hora de jogar xadrez, acabaram os últimos argumentos para adiar a matrícula do seu filho naquele caríssimo curso de inglês. Ou no de informática, ou no de alemão, enfim, de qualquer item a mais no currículo que consiga diferenciá-lo minimamente da maioria. Sim, porque daqui para frente, com a automação e a globalização ameaçando os postos de trabalho menos qualificados, será cada vez maior a necessidade de investir em educação. O cálculo para um preparo ideal, incluindo mestrado e doutorado nos Estados Unidos, indica um gasto de R\$ 265 mil em toda a vida escolar do seu filho — ou mil reais por mês em 22 anos. Dá quase 200% a mais que os gastos com boas escolas e faculdade que bastavam para preparar uma criança antes da era da globalização.

Além do tal cursinho de inglês, hoje é preciso pensar ainda em uma segunda língua, uma boa universidade e na pós-graduação. Sem contar com uma excelente formação básica, que estimule a criatividade e o amor pelos desafios. Exagero? Vale lembrar que o mercado se afunila a cada dia e só no CIEE, uma organização que encaminha estagiários para cerca de 13 mil empresas no país, existem 300 mil candidatos à espera de uma oportunidade. Mas sem inglês, eles nem precisam se sentar à mesa para negociar: 97% dos empregadores consideram o idioma indispensável. O Banco de Boston também pensa assim e dispensou 70% dos 12 mil currículos que recebeu este ano devido à falta do idioma. O número de vagas que estavam abertas? Apenas 23, para *trainees*.

Isso mostra que muita gente ainda não acordou para a nova realidade do mercado — comenta Marcos Reitano, diretor-adjunto de RH do Banco de Boston. — Hoje, o inglês não é um diferencial, e sim uma exigência básica. Só quem não precisa disso são os empregados de funções mais básicas, mas mesmo assim eles ficam limitados na hora em que surge a chance de uma promoção — explica.

Além de um bom currículo, empresas exigem criatividade

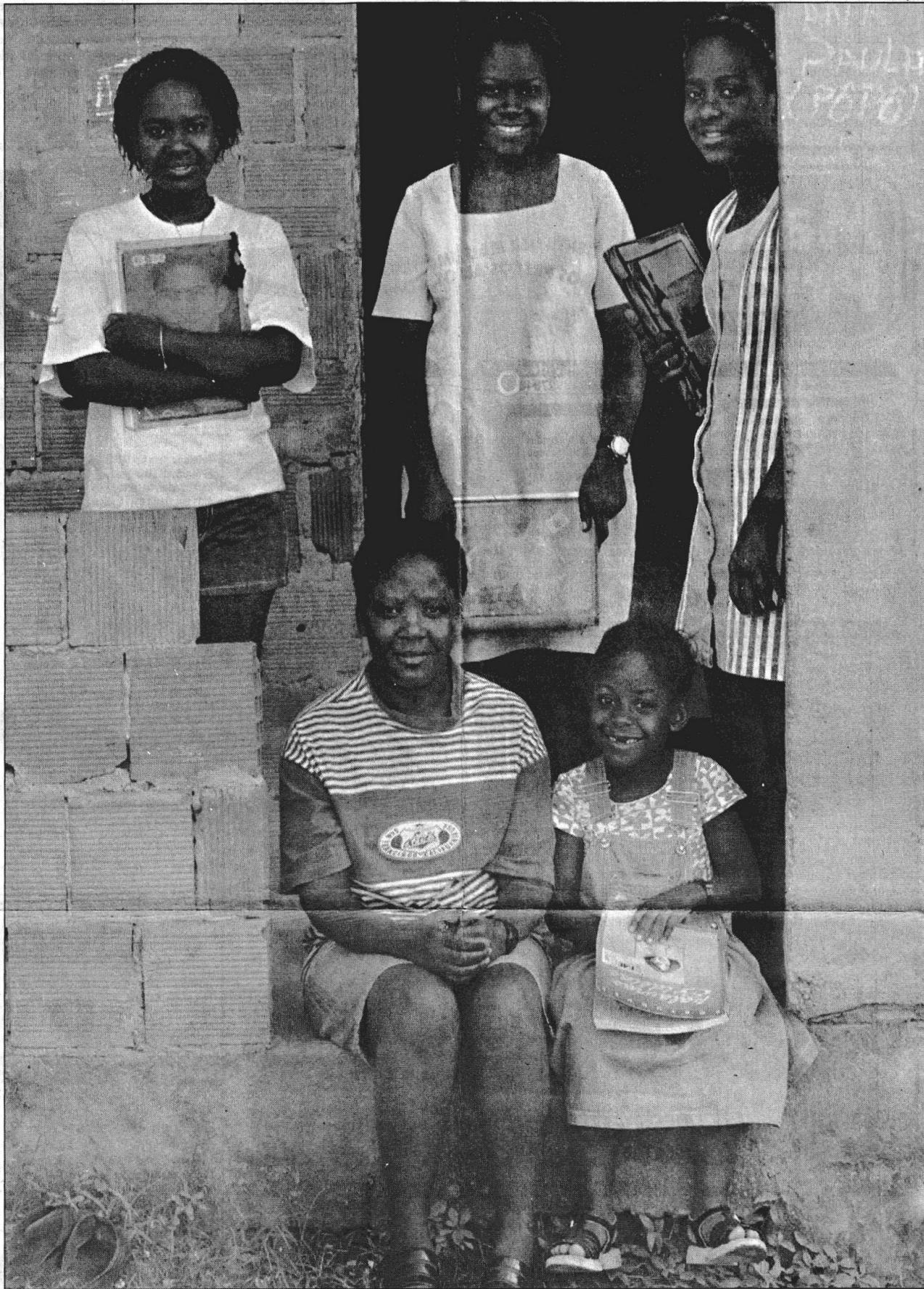
Se essa é a deficiência do seu filho, a solução é até simples. O problema é que as exigências não acabam aí. Além do currículo, as grandes empresas avaliam agora se o candidato tem uma boa base de informações, a chamada "massa crítica" para enfrentar os novos desafios. Por isso, os especialistas aconselham a investir em livros, jornais, revistas e uma assinatura da Internet, o que dá uma média de mais R\$ 100 mensais.

De que adianta saber tudo sobre uma nova tecnologia ou um novo equipamento se, dentro de alguns anos, ele estará obsoleto? Hoje, interessa às empresas um funcionário atualizado que tem capacidade para aprender. Por isso é tão importante a leitura de jornais. Parece óbvio, mas até hoje ainda é pequeno o número de pessoas realmente bem informadas — completa Marcos Reitano.

Pontualidade já pesa tanto quanto domínio de tecnologias

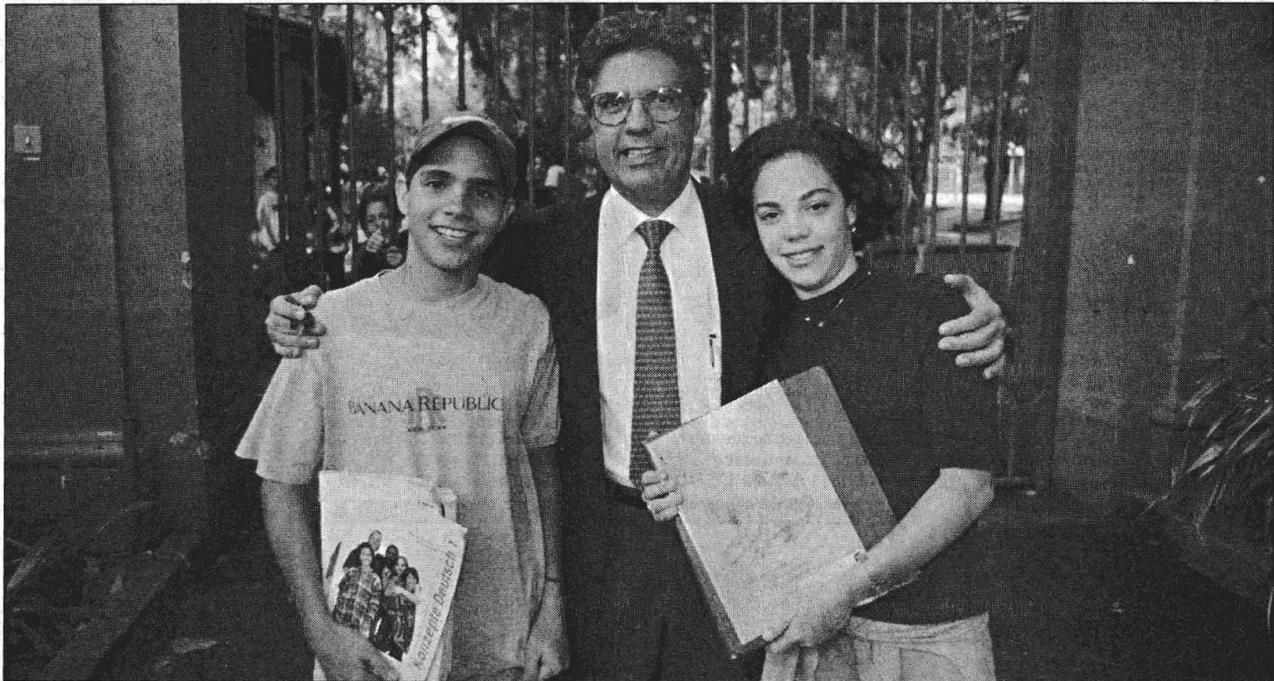
Além da bagagem cultural, conta pontos a favor o espírito de equipe do candidato, a ética profissional e a dedicação ao trabalho. Esses itens já pesam tanto quanto o conhecimento técnico, como indica uma recente pesquisa da Associação Americana de Administradores Escolares, que consultou 55 especialistas das áreas de educação, negócios e ciências sociais, para indicar quais os conhecimentos que os estudantes devem ter para enfrentar os desafios do século XXI. O domínio da informática e novas tecnologias, por exemplo, foi considerado "bastante essencial" para 75% dos empresários. Em compensação, para surpresa geral, 88% tiveram a mesma avaliação de itens como pontualidade e responsabilidade.

Antigamente, as mudanças eram muito mais lentas. Basta



A DOMÉSTICA NELY de Souza se arrepende de não ter terminado o Primeiro Grau. Hoje ela prefere atrasar as obras a abrir mão da escola das suas quatro filhas

Jorge William



OS IRMÃOS LIA e Raphael Theophilo, de 16 e 15 anos, respectivamente, já falam inglês e alemão. O pai, Francisco, pretende financiar estudos no exterior

lembrar que, entre a invenção da escrita e a formação das cidades e do Estado, se passaram dois mil anos. Esse era o tempo necessário para a sociedade quebrar paradigmas. Hoje, ao contrário, as transformações acontecem a cada dia e profissões desaparecem em poucos anos. Por isso, a pesosa tem que ser mais criativa e

flexível — diz Alexandre Rodrigues, diretor do Senai nacional.

Foi pensando nessa nova realidade que o Senai decidiu mexer radicalmente nos currículos. Hoje, além do conteúdo técnico, o curso traz aulas que estimulam a criatividade e ensinam uma habilidade nova, fundamental: que o aluno aprenda a aprender.

As empresas não querem mais o apertador de parafusos, até porque uma máquina pode fazer isso em seu lugar. Interessa, sim, alguém com capacidade de adaptação — diz Regina Torres, diretora de Ensino do Senai/RJ. Mas como transferir esse aprendizado para a vida familiar, dando à criança essas novas con-

dições de empregabilidade? O primeiro passo é investir em uma boa, aliás, uma ótima escola primária. Uma referência no Rio é o Santo Inácio, ao custo de R\$ 410 mensais. Pode-se optar também pela Escola Americana, mas é aí que se precisa estar preparado para gastar mais do que o dobro. O importante é que a criança aprenda a

pensar por si só, e não é à toa que explodiu no Brasil a demanda por cursos infantis, que estimulam a criatividade e o raciocínio lógico, como o Futurekids. Em apenas quatro anos, a escola conseguiu reunir a admirável população de 415 mil alunos que pagam entre R\$ 7 — para os alunos de escolas conveniadas — e R\$ 70 mensais.

Os educadores sempre souberam que era preciso estimular a criança a formular o seu próprio raciocínio ao invés de aceitar respostas prontas. O problema é que não havia demanda para isso no Brasil. Até pouco tempo, as funções no mercado de trabalho eram muito repetitivas e só alguns poucos tinham que tomar decisões. Hoje, esse modelo está morto, mas a escola tradicional ainda não se adaptou a isso. Daí o sucesso de um curso como o nosso — explica Luiz Namura, presidente do Futurekids.

Governo gasta apenas R\$ 50 anuais por aluno do primário

Quer dizer: as escolas cobram caro e ainda precisam ser complementadas com um curso desse gênero. Na ponta do lápis, o colégio, as aulas de inglês e um cursinho de informática chegam a R\$ 676 mensais por cada criança. Deprimente? Muito, principalmente quando se sabe que por parte do Governo é impossível encontrar uma opção gratuita com a mesma qualidade. Para se ter uma idéia, a meta do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, é elevar os gastos do Governo para R\$ 300 por ano, em média, por cada aluno do ensino fundamental. Atualmente, esse valor é equivalente a R\$ 50 anuais por aluno. Isso mesmo: os gastos anuais do Governo estão longe de chegar sequer à metade da quantia exigida por mês para uma família de classe média com educação. O ministro é o primeiro a reconhecer que, para ser competitivo hoje, é preciso, no mínimo, o Segundo Grau.

Hoje não é possível pensar em um trabalhador sem o Segundo Grau completo, para que ele possa se adaptar às crescentes mudanças no mercado de trabalho. Ele precisa ter acesso a meios de informação; ser capaz de utilizar um computador; ter acesso a conhecimentos de história, geografia, matemática, que lhe permitam entender o que acontece no mundo cada vez mais sofisticado — afirma Paulo Renato.

Família do subúrbio também investe em informática

É difícil discordar do ministro, mas muito poucos podem pôr esse ideal de educação em prática. Nem na classe AA, hoje em dia, é fácil encontrar quem se disponha a gastar tanto. O que se dirá das famílias pobres como a da doméstica Nely de Souza, viúva, mãe de quatro meninas entre 6 e 18 anos de idade? Ainda assim, apesar do baixo orçamento de R\$ 550 mensais, Nely prefere atrasar a obra da sua casa em Japeri para gastar R\$ 25 com a escola particular da caçula e R\$ 12 com o curso de informática da filha do meio, Ana Paula, de 14 anos.

Estudei só até a quarta série e hoje me arrependo. Não deixo minhas filhas interromperem o estudo para trabalhar. Prefiro aguardar para que, mais tarde, quando elas estiverem trabalhando, possam me ajudar com muito mais folga — explica.

Ela está certa. Um estudo dos economistas Sérgio Werlang e Carlos Ivan Simonsen Leal prova que o trabalhador consegue ganhar até 14% a mais de salário por cada ano de escolaridade que conseguir somar no nível básico. Para Werlang, as famílias pobres devem priorizar o português e a matemática.

É fundamental que o trabalhador saiba se expressar e raciocinar com lógica — diz ele.

Além disso, empresas como a Vale Sul estão fechando as portas para quem não tem Primeiro Grau. Segundo a técnica em treinamento Dolores Urbietta, o Segundo Grau logo deve se tornar um pré-requisito.

COLABOROU Andréa Dunningham